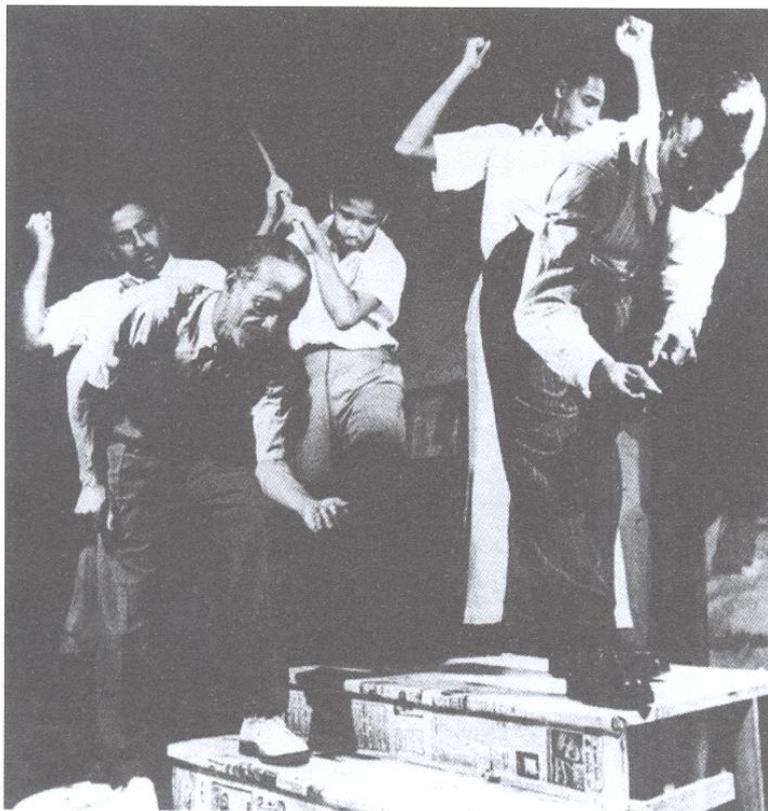


O negro e a redemocratização: o Teatro Experimental do Negro (TEN)

A partir de 1943, começou no Brasil um intenso movimento pela volta da democracia. Os danos causados pelo Estado Novo no Brasil e a segunda grande guerra em curso aumentaram ainda mais a consciência de direitos de uma parcela da população brasileira. É nesse contexto que também os negros continuam a sua luta para se organizarem, exigindo seus direitos.

No ano de 1944, surge na cidade do Rio de Janeiro o Teatro Experimental do Negro (TEN). Esse grupo, fundado e dirigido por Abdias do Nascimento, tinha o objetivo de abrir as portas das artes cênicas brasileiras para os atores e atrizes negros. O TEN foi responsável também pela publicação do jornal Quilombo, o qual retratou o ambiente político e cultural de mobilização antirracista no Brasil, no início da democracia contemporânea.



Ensaio de *O Imperador Jones*, de Eugene O'Neill, 1944, pelo Teatro Experimental do Negro (TEN) (*Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura, n. 25, *Negro brasileiro Negro*, 1997).

O TEN não era só um grupo de atores e atrizes negras que queriam representar, mas uma frente de luta, um polo de cultura que tinha como objetivo a libertação cultural do povo negro. Ele queria dar uma leitura a

partir do olhar do próprio negro e da herança africana à cultura produzida pelo negro no Brasil, distanciando-se da forma ocidental de entender e ver a cultura negra. Segundo Abdias do Nascimento,

“Todos estavam acostumados a colocar que o Teatro nasceu na Grécia, mas mil anos antes já havia textos dramáticos no Egito Negro. Precisávamos, então, criar personagens baseados na mitologia africana porque foi a partir da África que essa cultura se expandiu e foi copiada pelos negros. A raça negra tem mitologia e filosofias bem fundamentadas e isso era o que queríamos mostrar” (Eparrei. Santos: Casa de Cultura da Mulher Negra, n. 4, ano II, p. 29-31, 2003).

Além de montar espetáculos teatrais o grupo do Teatro Experimental do Negro promovia cursos de alfabetização.

“Queríamos que os negros soubessem ler e escrever para conseguir melhores condições de vida e maior competitividade no mercado de trabalho” (Abdias do Nascimento. Teatro Experimental do Negro: trajetórias e reflexões. In: Joel Rufino dos Santos (org.). *Negro Brasileiro Negro*: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n. 25, p. 72-73, 1997).

Foram também organizadas duas conferências nacionais sobre o negro, um congresso e a luta para que a discriminação racial fosse considerada crime, além do estabelecimento de políticas públicas.

O jornal *Quilombo*, publicado pelos militantes negros do TEN foi uma produção muito diferente dos outros jornais militantes que o antecederam. Segundo o sociólogo Antônio Sérgio Guimarães, talvez o mais importante motivo dessa diferença tenha sido a sua inserção e sintonia com o mundo cultural brasileiro e internacional. Da mesma forma que os melhores jornais americanos ou franceses da época, o Quilombo congregava, num mesmo espaço político e cultural, intelectuais negros e brancos, que possuíam uma visão crítica sobre o racismo e a situação do negro brasileiro: Guerreiro Ramos, Ironildes Rodrigues, Edison Carneiro, Solano Trindade, Nelson Rodrigues, Rachel de Queiroz, Gilberto Freyre, Orígenes Lessa, Roger Bastide, entre outros. Autores como Cruz e Souza, José do Patrocínio e Luís Gama eram reverenciados nas páginas do jornal. O jornal também publicou artigos de intelectuais estrangeiros, discutiu música, cinema, teatro, poesia, religião feitos por negros brasileiros, mostrando que havia um pensamento intelectual produzido pelos afro-brasileiros na vida nacional. Um pensamento produzido por pessoas negras na cor e negras enquanto compromisso político com a afirmação da identidade e da cultura negra.

Quilombo

VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO

NÓS

ABDIAS NASCIMENTO

NÓS somos — rigorosa e afirmativa — ao encontro de todos aqueles que acreditam, com independência os músicos — que pretendemos criar um problema no país. A discriminação de cor e de raça no Brasil é uma questão de fato (demanda Hamilton Nogueira). Força a luta de **QUILOMBO** não é especificamente contra os que negam os nossos direitos, sendo assim especial para fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e à cultura.

A cultura, com influências e acentos africanos, a arte, poesia, pensamento, ficção, música, como expressão étnica do grupo brasileiro mais pigmentado, politicamente vai sendo relegado ao abandono, ridicularizado pelas lides do "brotocrematório", esquecendo-se essas "aristocracias" de que o pirralhão étnico, cultural, religioso e político dá resistência aos esquemas nacionais, sendo o próprio sangue da democracia (Gilberto Freyre). Podemos dizer que o desconhecimento do negro como homem cidadão e respeitável tem desde 14 de maio de 1888 (Artur Ramos):

Nosso caso se relaciona com todo o problema que determina o movimento político de uma raça ou grupo étnico de maior força econômica sobre outro grupo étnico ou raça sem meios. Apesar do tempo que antecedeu a conquista da América quando o Papa Pio II, o sábio Enas Pionômio, levantou impedimentos legais ao tráfico português de africanos; depois da guerra de independência nos Estados Unidos motivada pela emancipação dos escravos, após as lutas libertadoras de Cuba e Brasil, o problema segue no mesmo pé. Quando se não se pode falar de escravidão e submissão militar, querem arrebatar ao negro o domínio econômico e político da sua terra, como na África do Sul, tiram-lhe violentamente seus direitos ao país que ajudou a formar e construir, como nos Estados Unidos, ou artificialmente despojam-lhe dos melhores pedágios e meios que o equiparam a adquirir a consciência de sua verdadeira condição ante uma sociedade legal, como no Brasil.

A situação apenas esboçada torna-se mais nítida quando assistimos a Haiti pieitar e conseguir, na Pátria de São Francisco, a condenação de todos os discriminações raciais. Nas últimas eleições dos Estados Unidos, apareceu o candidato dos subalternos Strom Thurmond com programa belicostamente racista e abstrato que evocava mais de um milhão de votos e a própria vitória de Truman baseou-se na campanha pelos direitos civis para tudo o povo norte-americano, inclusive os negros. A Índia, que tomamos de exemplo que se realiza em Paris, levou ao conhecimento dos Nações Unidas o problema da discriminação na África do Sul, onde reacionários descendentes dos contrabandistas "boers" com unicamente um milhão e meio sobre onze milhões de nativos, venceram as eleições contra o partido de general Smuts, favorecedor aos negros.

É transparente esta verdade histórica: o negro ganhou na liberdade não por filantropia ou bondade dos brancos, mas por sua própria luta e pelo insubornável do sistema escravocrata (Caso Prada Jr.). Aqui ou em qualquer país onde tenha existido a escravidão. O negro quer a liberdade e a filantropia antitantes e luta pelo seu direito ao Direito.

O negro brasileiro já conquistou seu direito teórico e codificado mas necessita o exercício desse direito. Como brasileiro nós protestamos contra a escravidão, não só do Mr. King-Klan albigensiano, como dos aristocratas *Kukulkan* de mentalidades e atitudes.

O nosso trabalho, o esforço de **QUILOMBO** é para que o negro rompa o dique das resistências atuais com seu valor humano e cultural, dentro de um clima de legalidade democrática que assegure a todos os brasileiros liberdade de oportunidades e obrigações. Os atentados e esta perseguição jurídica, e de anti-democráticos, separatistas e leitos de integracionistas.

(Continua na pág. 6)

Há preconceito de cor no Teatro?

RESPOSTA À NOSSA ENQUETE NELSON RODRIGUES, O DISCITIVO ATOR DE "ANJO NEGRO": — "INGENUIDADE OU MA FE NEGAR O PRECONCEITO RACIAL NOS PALCOS BRASILEIROS"

Nelson Rodrigues marcou uma fase na evolução do teatro brasileiro. Suas peças "Vestido de Noiva" e "A Mulher sem Pecado" alcançaram-lhe a reputação de novo mestre ator dramático e outros: "Albarrã de Favela" — interpretada pela Censura — e "Anjo Negro", recentemente apresentada no Paraná, provocaram debates ardentes em torno do valor de suas obras teatrais, sua consideração Nelson Rodrigues verdadeiro pensador, embora negando-lhe qualquer valor. Enquanto isso, um ator desconhecido, Nelson Rodrigues preparava para enfrentar nossa lempiedade com o próximo espetáculo de "Senhora dos Anjos", à nossa "Eletora" que a público interdito também. Sempre, portanto, mais autorizado para abrir a discussão de **QUILOMBO** em torno da existência ou não do preconceito de cor e de raça em nosso teatro.



Nelson Rodrigues

A QUE ATRIBUÍRE O AFARTAMENTO DO NEGRO OU MESTRADO DOS NÓSSOS PALCOS?

A mesma pergunta Nelson Rodrigues respondeu com precisão:

"Ator, não é, tenho a certeza de que é pura e simples questão de desprezo. Desprezo em todos os sentidos, mas físico sobretudo. Raras companhias ganham de ter negro em cena, e quando uma peça exige o esboço de cor, adota-se a seguinte solução: busca-se um ator-co. "Branco pintado" — eis o negro do teatro nacional! Claro não devemos contar uma ou outra exceção. Mas isto não constitui uma regra, e convém uma ingenuidade perfeitamente obtusa ou uma má fé cínica para negar a existência do preconceito racial nos palcos brasileiros. A não ser no Teatro Experimental do Negro ou atalhas de coc ou fazem miquis quilas, ou até mesmo também ou por último, ficam se torn. Por que esta situação inultrante? Veríamos alguma das motivações mais básicas. Em primeiro lugar, julgar-se a capacidade emocional do negro, e seu impulso dramático a sua força física e tudo o que ele possui de sentimento trágico. Raros admitem que ele possa superar a

DOIS MUNDOS: PRETO E BRANCO, DENTRO DE UM SÓ PAÍS

SOBRE A VIDA DO NEGRO NOS ESTADOS UNIDOS FALAMOS O BRILHANTE JORNALISTA GEORGE S. SCHUYLER — ESTADOS NA AMÉRICA LATINA SOBRE DISCRIMINAÇÃO RACIAL



George S. Schuyler palestrando com o diretor de QUILOMBO

Quando o Dr. George S. Schuyler passou pelo Rio em missões jornalísticas do "Pittsburgh Courier", tivemos a oportunidade de um longo encontro. Sorrisista e bem humorado, Schuyler não escusou o embelesar: o notável visto o Palli di-qualia sempre "O mundo nunca culuma", do "Pittsburgh Courier". Constatamos, porém, de conversa que mais se empa. Quando lhe perguntamos sobre a possibilidade da mistura de raças nos Estados Unidos, Schuyler deu fatos e a realidade de quem representa de fato o pensamento de toda a raça.

(Continua na pág. 2)



A grande atriz Ruth de Souza no filme "Terra Prometida" — Nota sobre cinema na 6ª. pág.

Ano I N.º 1
RIO DE JANEIRO 8 DE DEZEMBRO DE 1948
1 CRUZEIRO
COLABORAM: Gilberto Freyre, Getúlio Baines, Efraim Tobias, B. Maria Nascimento, Emílio de Assis Barbosa, J. S. Guimarães.

Jornal Quilombo — Vida, problemas e aspirações do negro, ano 1, n. 1 (edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, São Paulo, Fusp — Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo/Editora 34, 2003).

Em vários estados do país, proliferaram organizações negras de diferentes aspectos: cultural, político, recreativo, intelectual e literário. Esse movimento em prol da participação do povo na vida nacional acontecia de uma maneira geral na sociedade brasileira, e o segmento negro da população acompanhava todo esse processo, enfatizando a dimensão racial e a luta contra o preconceito e a discriminação.

Através do TEN a sociedade e as artes cênicas conheceram atores e atrizes negras competentes, expressivos e talentosos. Alguns são mais conhecidos do grande público e outros são nomes cujo talento é

reconhecido apenas dentro do circuito artístico e por pessoas da geração do TEN. Vamos citar alguns: Aguinaldo Camargo, Grande Otelo, Ruth de Souza, Haroldo Costa, Lea Garcia, Abdias do Nascimento, entre outros. Mas o mais interessante é ler o relato de Abdias do Nascimento, um dos fundadores do TEN, ao lembrar o início desse movimento de valorização social do negro no Brasil através da educação, da cultura e da arte.

“Polidamente rechaçada pelo então festejado intelectual Mário de Andrade, de São Paulo, minha ideia de um Teatro Experimental do Negro recebeu as primeiras adesões: o advogado Aguinaldo de Oliveira Camargo, companheiro e amigo desde o Congresso Afro-Campineiro que realizamos juntos, em 1938; o pintor Wilson Tibério, há tempos radicado na Europa; Teodorico dos Santos e José Herbel. A estes cinco, se juntaram logo depois Sebastião Rodrigues Alves, militante negro; Arinda Serafim, Ruth de Souza, Marina Gonçalves, empregadas domésticas; o jovem e valoroso Claudiano Filho; Oscar Araújo, José da Silva, Antonieta, Antonio Barbosa, Natalino Dionísio, e tantos outros.

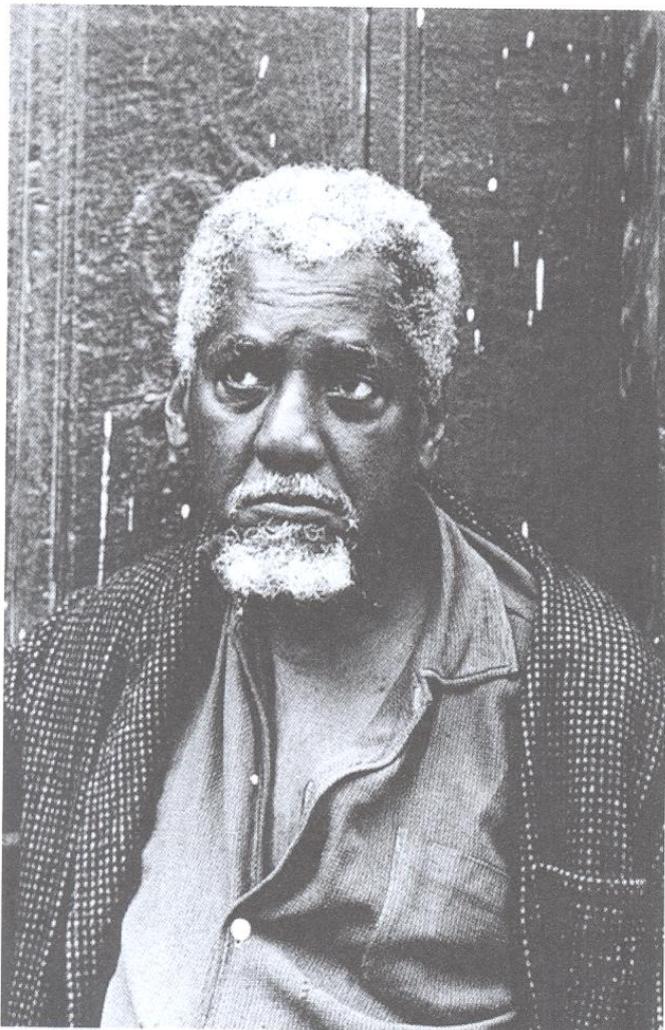
Teríamos que agir urgentemente em duas frentes: promover, de um lado, a denúncia dos equívocos e da alienação dos chamados estudos afro-brasileiros, e fazer com que o próprio negro tomasse consciência da situação objetiva em que se achava inserido. Tarefa difícil, quase sobre-humana, se não esquecermos a escravidão espiritual, cultural, socioeconômica e política em que foi mantido antes e depois de 1888, quando teoricamente se libertará da servidão.

A um só tempo o TEN alfabetizava seus primeiros participantes, recrutados entre operários, empregados domésticos, favelados sem profissão definida, modestos funcionários públicos – e – oferecia-lhes uma nova atitude, um critério próprio que os habilitava também a ver, enxergar o espaço que ocupava o grupo afro-brasileiro no contexto nacional” (Abdias do Nascimento, op. cit.).

Solano Trindade: o poeta maior

Ao falarmos sobre o TEN, não podemos deixar de lembrar a importância de um dos seus criadores, Solano Trindade.

Solano Trindade foi um dos maiores poetas negro que o Brasil já conheceu, segundo ninguém menos do que o escritor e poeta Carlos Drummond de Andrade. Foi também ator, pintor, cineasta e um dos criadores do Teatro Experimental do Negro. Esse pernambucano conquistou prêmios internacionais e, apesar de ser conhecido no exterior, as novas gerações de brasileiros desconhecem a trajetória desse filho de um humilde sapateiro do bairro São José que viveu para cantar a sua gente.



Solano Trindade (Madalena Schwartz, 1969, 40 x 30, Instituto Moreira Salles S.P.) (Negro de corpo e alma, Black and body and soul, Mostra do Redescobrimto, 2000).

O pernambucano Francisco Solano Trindade nasceu no Recife a 24 de julho de 1908. Segundo vários críticos, o criador da poesia “assumidamente negra” no Brasil. Premiado no exterior, elogiado por celebridades como Darcy Ribeiro, Sérgio Milliet e outros, o negro “e pobre” escritor recifense é muito pouco lembrado, apesar de tudo o que fez pela cultura e pelas artes do país.

Depois que deixou o Recife e fixou residência no Rio de Janeiro, Solano Trindade foi o idealizador do 1º Congresso Afro-brasileiro e, anos mais tarde (1945), criou, com Abdias do Nascimento, o Teatro Experimental do Negro.

Em 1932 criou, no Recife, a Frente Negra Pernambucana, mas o movimento não vingou. Enquanto viveu entre as capitais Rio de Janeiro e São Paulo, sua obra ganhava fama entre a crítica nacional e repercutia no exterior, mas nunca deixou de realizar oficinas para operários, estudantes e desempregados. Em 1944, durante a ditadura do Estado Novo, por conta do

poema “Tem gente com fome”, foi preso e teve o livro Poemas de uma vida simples apreendido.

A partir de 1950, concretizou um dos seus grandes sonhos, fundando, com o apoio do sociólogo Edison Carneiro, o Teatro Popular Brasileiro (TPB). Em 1955, criou o Brasiliana, grupo de dança brasileira que bateu recorde de apresentações no exterior. No teatro, foi Solano Trindade quem primeiro encenou (1956) a peça *Orfeu*, de Vinicius de Moraes, depois transformada em filme pelo francês Marcel Cammus.

Todo o trabalho de Solano Trindade, quer no teatro, dança, cinema ou literatura, tinha como características marcantes o resgate da arte popular e, sobretudo, a luta em prol da independência cultural do negro no Brasil.

Em 1964, um dos seus quatro filhos, Francisco, morreu assassinado num presídio carioca durante a ditadura militar. A 20 de fevereiro de 1974, Solano Trindade morreu como indigente, numa clínica em Santa Tereza, no Rio de Janeiro.

Uma das poucas tentativas de trazer de volta o nome de Solano Trindade para o grande público ocorreu em 1975, quando o poema “Tem gente com fome” iria integrar o disco do extinto conjunto Secos & Molhados. Mas, como explicou João Ricardo que musicou o poema, problemas com a censura impediram a gravação. Só na década de 1980, é que o cantor Ney Matogrosso gravaria a canção. Em 1976, a escola de samba “Vai-Vai” do Bexiga, São Paulo, desfilou no carnaval com o enredo em homenagem ao poeta. Além disso, uma pequena editora, a Cantos e Prantos, em São Paulo, reuniu a obra do poeta no volume “Solano Trindade – o poeta do povo”.

O poeta teve quatro filhos: Raquel, Godiva, Liberato e Francisco Solano.

Tem gente com fome

*Trem sujo da Leopoldina
correndo correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome
Piiiiiii
estação de Caxias
de novo a dizer
tem gente com fome*

tem gente com fome
tem gente com fome
Vigário Geral
Lucas
Cordovil
Brás de Pina
Penha Circular
Estação da Penha
Olaria
Ramos
Bom Sucesso
Carlos Chagas
Triagem, Mauá
trem sujo da Leopoldina
correndo correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome
Tantas caras tristes
querendo chegar
em algum destino
em algum lugar
Trem sujo da Leopoldina
correndo correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome
Só nas estações
quando vai parando
lentamente começa a dizer
se tem gente com fome
dá de comer
se tem gente com fome
dá de comer
se tem gente com fome
dá de comer

Mas o freio de ar
todo autoritário
manda o trem calar
Psiuuuuuuuu